

Como ser um bom ancestral

Roman Krznaric

Como ser um bom ancestral

A arte de pensar o futuro num mundo imediatista

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges

Copyright © 2020 by Roman Krznaric

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados, nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados, salvo os que forem propriedade do Grupo Companhia das Letras.

Título original

The Good Ancestor: How to Think Long Term in a Short-Term World

Capa

Estúdio Insólito

Preparação

Natalie Lima

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Marise Leal

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Krznaric, Roman

Como ser um bom ancestral : A arte de pensar o futuro num mundo imediatista / Roman Krznaric ; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

Título original: The Good Ancestor : How to Think Long Term in a Short-Term World.

Bibliografia

ISBN 978-65-5979-023-4

1. Conduta de vida 2. Empatia 3. Previsão 4. Valores I. Título.

21-67399

CDD-170.44

Índice para catálogo sistemático:

1. Conduta de vida : Futuro : Filosofia 170.44

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

A pergunta mais importante que devemos fazer a nós mesmos é: “Estamos sendo bons ancestrais?”

JONAS SALK

São 3h23 da madrugada
e não consigo dormir porque
meus tetranetos me perguntam
nos meus sonhos: o que você fez
enquanto a Terra estava se desfazendo?

DREW DELLINGER

Sumário

Prefácio 9

PARTE I O cabo de guerra pelo tempo II

1. Como podemos ser bons ancestrais? 13
2. O marshmallow e a noz: Dentro de nosso cérebro dilacerado pelo tempo 27

PARTE II Seis maneiras de pensar a longo prazo 47

3. Humildade diante do tempo profundo: A humanidade como um piscar de olhos na história cósmica 49
4. Mindset de legado: Como podemos ser bem lembrados? 67
5. Justiça intergeracional: Razões para respeitar a sétima geração 81
6. Pensamento de catedral: A arte de planejar para o futuro distante 103
7. Previsão holística: Caminhos de longo prazo para a civilização 127
8. Meta transcendente: Uma estrela Polar para guiar a humanidade 151

PARTE III Provocar a rebelião do tempo 175

9. Democracia profunda: Há um antídoto para a miopia política? 177
10. Civilização ecológica: Do capitalismo especulativo à economia regenerativa 209

11. Evolução cultural: A narrativa, o design e a ascensão
de futuros virtuais 235

12. O caminho do bom ancestral 255

Apêndice: O Índice de Solidariedade Intergeracional 263

Agradecimentos 267

Notas 269

Lista de ilustrações 297

Bibliografia 298

Índice remissivo 311

Prefácio

O NOVO CORONAVÍRUS (COVID-19) SE ESPALHOU pelo mundo todo exatamente quando este livro estava indo para a gráfica. É compreensível que a pandemia tenha concentrado nossa atenção no aqui e agora, com famílias, comunidades, empresas e governos agindo para enfrentar a feroz urgência da crise. Em meio a uma ameaça imediata como essa, que revelações o pensamento de longo prazo oferece?

Obviamente, aqueles países que já tinham feito preparativos a longo prazo para possíveis pandemias foram capazes, até agora, de lidar com o vírus de maneira mais eficaz: enquanto Taiwan tinha testes para o vírus e mecanismos para identificá-lo estabelecidos em decorrência de sua experiência com o surto de Sars em 2003, a resposta dos Estados Unidos foi dificultada pelo desmembramento da unidade pandêmica do Conselho Nacional de Segurança em 2018. Ao mesmo tempo, os impactos catastróficos dos coronavírus são um cruel lembrete de que deveríamos estar pensando, planejando e alocando dinheiro para múltiplos riscos que assomam no horizonte — não só pela ameaça de outras pandemias, mas da crise climática e do desenvolvimento tecnológico desenfreados.

A resposta da humanidade ao vírus terá claramente consequências a longo prazo que se farão sentir por décadas. Muitos governos podem tentar se agarrar aos poderes emergenciais que concederam a si mesmos — como a vigilância mais intensa dos cidadãos —, deixando um resíduo autoritário que solapa novas possibilidades democráticas. Por outro lado, a ruptura que a pandemia causou pode abrir espaço para uma reconsideração fundamental de nossas políticas, economias e estilos de vida. Assim como instituições pioneiras pensadas para serem duradouras, como o Estado de

bem-estar social e a Organização Mundial da Saúde, que emergiram das cinzas da Segunda Guerra Mundial, o coronavírus poderia provocar uma reflexão a longo prazo, algo que se faz necessário agora para questionarmos os perigos do pensamento a curto prazo e desenvolvermos resiliência diante de um futuro muito incerto.

Fazendo escolhas sábias — e de longa duração — neste tempo de crise, poderíamos de fato nos tornar os bons ancestrais que as futuras gerações merecem.

Oxford, março de 2020

PARTE I

O cabo de guerra pelo tempo

I. Como podemos ser bons ancestrais?

SOMOS OS HERDEIROS DAS DÁDIVAS do passado. Considere o imenso legado deixado por nossos ancestrais: aqueles que semearam as primeiras sementes na Mesopotâmia 10 mil anos atrás, que limpavam a terra, construíram as vias navegáveis e fundaram as cidades onde hoje vivemos, que fizeram as descobertas científicas, venceram as lutas políticas e criaram as magníficas obras de arte que nos foram transmitidas. Raramente paramos para pensar como eles transformaram a nossa vida. A maioria deles foi esquecida pela história, mas entre aqueles que são lembrados está o médico e pesquisador Jonas Salk.

Em 1955, após quase uma década de meticulosos experimentos, Salk e sua equipe desenvolveram a primeira vacina bem-sucedida e segura para a poliomielite. Foi uma conquista extraordinária; na época, a pólio paralisava ou matava meio milhão de pessoas por ano no mundo todo. Salk foi imediatamente aclamado como um milagreiro. Mas ele não estava interessado em fama e fortuna — nunca procurou patentear a vacina. Sua ambição era “ter alguma utilidade para a humanidade” e deixar um legado positivo para futuras gerações. Não há dúvida de que conseguiu.

Anos depois, Salk expressou sua filosofia de vida numa única pergunta: “Estamos sendo bons ancestrais?”¹ Ele acreditava que, assim como herdamos tantas riquezas do passado, devemos também transmiti-las aos nossos descendentes. Estava convencido de que para isso — e para enfrentar crises globais como a destruição da natureza pela humanidade e a ameaça da guerra nuclear — precisávamos de uma mudança radical em nosso panorama temporal, de uma perspectiva cuja direção fosse mais concentrada no pensamento de longo prazo e nas consequências de nossas ações para

além de nossa própria vida. Em vez de pensar numa escala de segundos, dias e meses, devíamos ampliar nossos horizontes temporais de modo a abranger décadas, séculos e milênios. Só então seríamos capazes de respeitar e honrar verdadeiramente as gerações vindouras.

A pergunta de Salk pode vir a ser nossa maior contribuição para a história. Formulada de uma maneira mais ativa — “Como podemos ser bons ancestrais?” —, eu a considero a questão mais importante de nosso tempo, e uma questão que oferece esperança para a evolução da humanidade. O desafio de respondê-la, além de ter inspirado este livro, também frequenta suas páginas. Ele nos convoca a considerar como seremos julgados por futuras gerações, e se deixaremos um legado que as beneficia ou as prejudica. A velha aspiração bíblica de ser um Bom Samaritano já não basta. É hora de uma atualização para o século XXI: ser um Bom Ancestral.

O futuro foi colonizado

Tornar-se um bom ancestral é uma tarefa formidável. Nossas chances de fazê-lo serão determinadas pelo resultado de uma luta pela mente humana que acontece neste momento, e em escala global, entre as forças opostas do pensamento de curto e de longo prazo.

Neste momento da história, a força dominante é clara: vivemos numa era de predomínio patológico do pensamento de curto prazo. Os políticos mal conseguem enxergar além da próxima eleição ou da última pesquisa de opinião ou de um tuíte. As empresas são escravas do próximo relatório trimestral e da constante exigência de aumentar o retorno para os acionistas. Os mercados chegam a seu ponto máximo e depois quebram em bolhas especulativas conduzidas por algoritmos que têm a rapidez de milissegundos. Em conferências internacionais, concentradas em seus interesses de curto prazo, nações se reúnem em mesas de discussão enquanto o planeta pega fogo e espécies desaparecem. Nossa cultura de gratificação instantânea nos leva a nos exceder no consumo de fast food, no envio de mensagens de texto rápidas e no uso do botão “Compre agora”. “A grande

ironia de nosso tempo”, escreve a antropóloga Mary Catherine Bateson, “é que ao mesmo tempo que estamos tendo vidas mais longas, estamos tendo pensamentos mais curtos.”² Esta é a era da tirania do agora.

O pensamento de curto prazo está longe de ser um fenômeno novo. A história está repleta de exemplos — da temerária destruição das florestas virgens japonesas no século XVII até a especulação desenfreada que levou ao crash de Wall Street em 1929. Não é sempre uma coisa ruim: assim como um pai pode precisar de repente correr com uma criança ferida para o hospital, um governo precisa responder com rapidez e agilidade a crises como um terremoto ou uma epidemia. Mas dê uma olhada nas notícias diárias e você vai encontrar múltiplos exemplos da tendência nociva ao pensamento de curto prazo.³ Governos preferindo a solução rápida de encarcerar mais criminosos a lidar com as causas sociais e econômicas mais profundas do crime. Ou subsidiando a indústria do carvão em vez de apoiar a transição para a energia renovável. Ou socorrendo nossos bancos insolventes depois de uma quebra em vez de reestruturar o sistema financeiro. Ou deixando de investir em assistência médica preventiva, no combate à pobreza infantil e em políticas habitacionais. Ou... a lista se prolonga indefinidamente.

Os perigos do pensamento de curto prazo vão muito além dessas áreas de política pública e nos trouxeram ao ponto de crise em que estamos agora. Isso se deve, em primeiro lugar, à perspectiva crescente do chamado “risco existencial”, que se refere normalmente a eventos de baixa probabilidade mas de grande impacto que poderiam ser causados por novas tecnologias. No topo da lista estão as ameaças decorrentes de sistemas de inteligência artificial, como as armas autônomas letais que não podem ser controladas por seus fabricantes humanos. Outras possibilidades incluem pandemias geneticamente engendradas ou uma guerra nuclear provocada por um Estado desonesto numa era de crescente instabilidade política. Especialista em riscos existenciais, o filósofo Nick Bostrom está particularmente preocupado com o impacto futuro da nanotecnologia molecular e teme que terroristas possam se apropriar de nanorrobôs autorreplicadores de bactérias que saem de controle e envenenam a atmosfera. Diante dessas ameaças, muitos especialistas em risco existencial acreditam que a